

O Desempenho da Paisagem enquanto Construção da Arquitetura de Tradição em Portugal

The Landscape Performance as Conception of Architecture to Tradition in Portugal

Isabel Maria Augusto de Sousa Rosa, Profesora Auxiliar (FA-UTL)

Ricardo Jorge de Almeida Ribeiro, Investigador (FA-UTL)

Abstract

Paisagem é o resultado da ocupação humana de acordo com o potencial do território, no sentido de aproveitar os recursos que são fundamentais à sua sobrevivência. Os factores ecológicos, nomeadamente a morfologia do terreno, a geologia e litologia, o valor ecológico do solo, a fauna e flora associados ao clima, entre outros conjugados com os factores culturais, nomeadamente patrimoniais, condicionam e modelam em permanência a Paisagem. Com a utilização de técnicas tradicionais na estruturação do território resultou, de um modo consciente, uma Arquitectura Vernacular integrada e adaptada às circunstâncias locais que, associada ao equadramento paisagístico, teve um efeito de Lugar. Neste sentido, a presente proposta de comunicação irá explicar como a aldeia granítica de Cidadelhe, localizada em Pinhel (Guarda – Portugal), a qual está localizada na entrada sul do Parque Arqueológico do Vale Côa (classificado em 1998 pela UNESCO como Património da Humanidade), expressa uma Paisagem que integra o Lugar e o Lugar que reutiliza a Paisagem.

Landscape is the result of occupation by humans according to territory potentialities, in order to make use of the resources that are essential to their survival. Ecological factors, namely Terrain Morphology, Geology/Lithology, Soil, Natural Flora and Fauna in accordance with climate among others, together with cultural conditions namely patrimonial, are permanently shaping Landscape. The utilization of traditional building techniques resulted, in a conscious way, in a Vernacular Architecture, which, integrated and adapted to local circumstances and linked to the surrounding landscape, creating a sense of Place. In this sense, the present proposal for paper will explain how Cidadelhe – granitic village from Pinhel (Guarda), which is located at the south entrance of the Coa Valley Archaeological Park (classified as World Heritage by UNESCO in 1998), is integrated in the Place and the Place reuse the Landscape.

Keywords: Architecture, Cidadelhe, Landscape, Heritage, Tourism of Nature.

Paisagem

A palavra “Paisagem” deriva do latim pagus que significa território cultivado. Desta, sobrevieram semelhanças nas diversas línguas: em francês paysage, com o termo pays que significa pátria e o age (do latim agere) como a arte de ordenar o espaço em resposta às necessidades do Homem (TELLES, 2002). Nas línguas germânicas, landscape em inglês e landschaft em alemão, sendo que a última advém do holandês landschap, com o prefixo land igualmente de terra trabalhada. Em português a palavra é de origem latina (MAGALHÃES, 2007).

O conceito de Paisagem só começou a ser utilizado no final do séc. XVI - princípio de XVII, até então considerando-se apenas o termo Lugar que significava um território com características particulares e definição quantitativa própria. Paisagem surge primeiramente como fundo de cena artística nas pinturas holandesas, tendo mais tarde influenciado a temática renascentista. No final do séc. XVII aparece nos registos documentais como uma apreensão da natureza, baseada no saber total da Arte, da Ciência e da Filosofia, com características próprias. Após a Revolução Industrial (séc. XIX), Paisagem voltou a assumir-se como um cenário natural e objeto de cultura, com pouco interesse humano. Só a partir do séc. XX, com a evolução do estudo da Natureza, Paisagem passa a ser encarada como a interacção entre os ecossistemas e os processos humanos, assumindo um carácter globalizante (MAGALHÃES, 2001). De acordo com MAGALHÃES (2007), o significado de Paisagem evoluiu de um objeto de essência própria, para um que tem de ser interpretado e

descodificado de modo a identificar aquilo que não é visível – a pele do mundo. Neste sentido, Paisagem é o resultado da ocupação humana de acordo com o potencial do território, aproveitando os recursos que lhe são fundamentais à sobrevivência. Os fatores ecológicos, nomeadamente a morfologia do terreno, a geologia e litologia, o valor ecológico do solo, a fauna e flora associados ao clima, entre outros conjugados com os culturais, nomeadamente os patrimoniais, condicionam e modelam a Paisagem (MAGALHÃES et al., 2007).

Património

Segundo PERALTA (2008), Património é uma necessidade contemporânea de construção cultural, isto é, uma idealização nostálgica de estabelecer umnexo entre o passado e o presente através da representação simbólica. O processo de patrimonialização apresenta-se como uma forma privilegiada de atribuir valor a bens móveis ou imóveis, materiais ou imateriais, que atualmente não são viáveis nem produtivos do ponto de vista económico. Paralelamente, os processos identitários desenvolvidos como manifestações do sentimento de pertença, surgem da construção da memória do passado através da interação entre visões públicas e privadas. No caso do processo de patrimonialização da Paisagem, ABREU (2007) considera que qualquer espaço territorial que reúna um conjunto de valores culturais e naturais (nomeadamente refletidos na Memória, Antiguidade, Autenticidade, Originalidade, Raridade, Singularidade e Exemplaridade), num contexto paisagístico que lhes dá sentido e permite compreendê-los na sua dinâmica temporal e espacial conjunta – origem, evolução, estado atual e tendências futuras - terá interesse patrimonial. Como tal, a indústria turística procura garantir a sobrevivência desses valores através da recriação de ‘estórias’, sustentadas em tradições mercantilizadoras do passado (PERALTA, 2008). Mas desde sempre existiu turismo vocacionado à fruição dos valores da paisagem, com as quintas de veraneio que datam, no caso português, dos finais do século XIII e que são de modo geral afeto às classes mais privilegiadas, localizadas na “província”, próximas ou porventura mais distante, para além da habitação na cidade. Só a partir dos anos 70 verificou-se um turismo de massas, fenómeno compulsivo que orientou estes veraneios campestres sazonais para o turismo do “sol”, da “praia” e do “bronze”. Passados 40 anos de globalização do turismo, assistimos a uma outra procura, talvez aquela procura de oitocentos: o voltar às origens, à natureza, à nossa essência: o voltar à terra.

Desempenho da Paisagem enquanto Construção da Arquitetura Tradição

A utilização de técnicas tradicionais na estruturação do território resultou, de um modo consciente, numa arquitetura integrada e adaptada à circunstância local, que associada ao enquadramento paisagístico, teve um efeito de Lugar (AUGÉ, 1992). São exemplo, as construções que refletem o modo como o homem se apropriou e reapropriou dos recursos da terra e que, de uma forma inteligente, os transformou no seu habitat natural. Do carácter místico, pelo posicionamento estratégico, numa perspectiva de contemplação paisagística, resultou o designado Genius Loci (espírito do lugar) (JELLICOE, 1995 e SCHULZ, 1979). Contudo, o atual desempenho da Paisagem, a par do Turismo, na construção da arquitetura de tradição, pauta-se por um regresso à terra, um fenómeno que ultrapassa o da segunda habitação, também resultado de uma crise económica global com base no recurso exclusivo ao petróleo (KUNSTLER, 2006). Assim, numa estratégia de desenvolvimento sustentável, deve-se tirar partido do conhecimento tecnológico e científico no intuito de melhorar o crescimento económico, através da organização e gestão equilibrada de recursos, com benefícios, tanto ambientais como sociais, para a melhoria da qualidade de vida – ecodesenvolvimento (CE, 1996). Este é um modelo de desenvolvimento global, embora possa ser abordado interdependentemente a nível ecológico, económico e sociopolítico. Neste sentido, o Turismo de Natureza, de acordo com a Carta de Turismo Sustentável (EUROPARC, 2009), tornou-se uma prática que poderá reunir as condições necessárias para compatibilizar o desenvolvimento turístico e a preservação do património natural e cultural. De acordo com o novo enquadramento legal para os empreendimentos turísticos e para as atividades de animação turística, considera-se Turismo de Natureza a atividade que decorra em áreas classificadas ou outras com valor natural, e que seja como tal, reconhecida pelo Instituto de Conservação da Natureza e da Floresta (ICNF, 1998).

Cidadelhe - Aldeia em Paisagem Patrimonial

No panorama português do séc. XX, foram exemplos inequívocos e de reconhecido valor patrimonial, as ocupações localizadas preferencialmente ao longo de vias de comunicação associadas a cursos de água ou frentes marítimas. Como caso de estudo, a aldeia granítica de Cidadelhe, no concelho de Pinhel (Guarda), assente em extensos barrocais e localizada entre os rios Côa e Massueime, está integrada no Parque Arqueológico do Vale do Côa, classificado pela UNESCO em 1998 como Património da Humanidade, Sítio de Arte Rupestre do Vale do Côa e do Núcleo de Arte Rupestre da Faia (UNESCO, 1998). Se bem que reduzido, o património arquitectónico desta aldeia é invulgar, com construções em pedra granítica, férrea, que afirma uma Paisagem com gente única. As barrocas sustentam silhares em pedra que ondulam, configurando e adaptando-se à orografia do terreno. Casas de piso térreo, algumas das quais albergam antigas funções: habitação, estábulos, arrecadação de alfaías agrícolas, cortelhos, etc.. Estas construções revelam um saber, só possível de compreender, por uma ocupação humana milenar, com uma enorme sensibilidade estética e de enquadramento paisagístico, apresentando-se por isso como património cultural.

No entanto, Cidadelhe testemunha o que tem vindo a acontecer nas aldeias portuguesas após a revolução industrial: o êxodo do campo para a cidade, do interior para o litoral do país, com a sua gente à procura de novas oportunidades. Numa atenta análise ao gráfico da figura 1 (página seguinte), a evolução do número de habitantes residentes em Cidadelhe (composta por Cidadelhe de Cima e Cidadelhe de Baixo) através dos CENSOS de 1950 (311 habitantes), 1960 (296 habitantes), 1970 (145 habitantes), 1981 (124 habitantes), 1991 (93 habitantes), 2001 (52 habitantes) e 2011 (40 habitantes), apresenta um progressivo despovoamento. Trata-se de um fenómeno global que atingiu não só Portugal, mas também quase todas as aldeias e vilas lusófonas e hispânicas, sobretudo entre os anos 60 e 70. Atualmente, Cidadelhe tem 23 famílias com igual número de homens (20) e mulheres (20), na maioria (60%) com idade igual ou superior a 65 anos. (INE, 2011).

Tudo o que se apresentava fascinante nas cidades, particularmente os modos de comunicar com o exterior (a rádio, a televisão e o automóvel), cada vez mais se descurava daquilo que nos fazia pertencer ao território: a terra. Na terra sobreviveram os mais velhos, incapazes de se adequar aos novos modos de estar e viver da urbe. Desconhecedores do conhecimento, sobreviveram em lugares por vezes bastante inóspitos aos novos desafios, na esperança de que os seus, agora mais informados, voltassem à terra e apostassem nas inúmeras sinergias adquiridas. Mas nada disso aconteceu, estas vilas e aldeias, quase que desapareceram do mapa. Por outro lado, a comparação da cartografia de 1990 (COS90) com a de 2007 (COS07) ilustra uma forte alteração da ocupação do solo. O concelho de Pinhel perdeu quase todo o seu sistema agroflorestal que em 1990 apresentava um importante papel na manutenção sustentável do território, ocupando o espaço de transição entre a floresta e as culturas (figura 2, página seguinte). De um território heterogéneo, constituído sobretudo de culturas permanentes, surge em 2007 um mapa homogéneo, com mais de metade ocupado por floresta aberta (55%) (figura 3). Persistem algumas culturas permanentes (15,7%) de vinha, amendoeira e oliveira, sendo esta última das mais importantes para a sobrevivência da população local. O mesmo se reflete na freguesia de Cidadelhe, com a perda quase total da floresta a dar lugar a floresta aberta, assim como, a diminuição da área urbana (figura 4 e 5). Tendo em conta estes dados, efetuou-se uma Análise Swot da atual situação de Cidadelhe, cuja sumula está expressa nos seguintes pontos:

Pontos Fracos

- Localização no interior do país, longe dos centros urbanos;
- Inexistência de atividade económica do sector secundário ou terciário na vizinhança;
- Escassos meios de comunicação, transporte e acessos: vias rápidas, comboios ou aeroporto na proximidade;
- Ausência de estabelecimentos de ensino a todos os níveis;
- Crescimento natural da população revela-se negativo;
- Aumento do despovoamento e abandono da aldeia. Persistem somente os idosos;
- Sem Centro de Saúde nem consulta médica quotidiana. Apresenta-se longe do

Hospital mais próximo que está localizado a 53,1Km, na cidade da Guarda;

- Os recursos primários são limitados, pela falta de solo arável e pelo terreno declivoso.

Pontos Fortes

- Localização no Parque Arqueológico do Vale Côa, cuja riqueza em arte rupestre está classificada desde 1998 pela UNESCO como Património Mundial da Humanidade;
- Possui um invulgar Património Arqueológico, Arquitectónico e Paisagístico;
- Existência de potenciais recursos mediterrâneas, tais como a vinha, o carvalho, a azinheira, a oliveiras e a amendoeira;
- Apetência para a criação de ecoturismo rural, com base na herança cultural e na tradição.

Ameaças

- Aumento do despovoamento;
- Concorrência provocada pelo crescimento do turismo nas aldeias vizinhas do Douro;
- Degradação do património construído existente;
- Risco de se tornar uma aldeia deserta e em ruínas.

Oportunidades

- Atração de novos residentes, sobretudo de emigrantes que regressam a Portugal;
- Implementação de Turismo da Natureza, afeto ao Parque Arqueológico do Vale do Côa, desenvolvendo emprego para a população residente;
- Promoção de um sistema agroflorestal com a exploração eficiente da videira, sobreiro, azinheira, oliveira e amendoeira;
- Exportação de produtos tradicionais provenientes da agricultura e da transumância local;
- Implementação de fontes de energia renovável, sobretudo solar e eólica, pelo estratégico posicionamento geográfico.

Conclusão

No âmbito do projeto de investigação “Aldeias em Paisagem Patrimonial”, desenvolvido no Centro de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design (CIAUD) da Faculdade de Arquitectura – Universidade Técnica de Lisboa, Portugal (FA-UTL), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia – Ministério da Educação e da Ciência (FCT), estabeleceu-se um conjunto de estratégias de intervenção de carácter ambiental, social e paisagístico para o desenvolvimento sustentável de Cidadelhe. De acordo com o referido estudo, considera-se que esta aldeia da Beira Interior deverá ser considerada um caso especial de salvaguarda a ser regulado pela Lei de Bases da Política de Ordenamento do Território (Lei n.º 48/98, de 11 de Agosto), com as seguintes medidas:

- Salvaguardar a imagem de aldeia tradicional ao nível do espaço público e edificado, através da utilização adequada de técnicas de construção, tipos de materiais e acabamentos;
- Promover a instalação de uma residência turística com estância termal e piscina, assim como, unidades de habitação associadas ao Turismo de Natureza, com sistema de aluguer de bicicletas e promoção do desporto de campo;
- Criação de empresas para exploração do artesanato e gastronomia tradicional;
- Desenvolver centros sociais e de formação profissional;
- Promover a exploração agroflorestal da vinha, sobreiro, azinheira, olival e amendoeira para exportação, de acordo com as normas e o apoio da União Europeia;
- Implementar fontes de energia renovável, numa estratégia de auto-eco-eficiência local e com a integração de novos procedimentos de construção tradicional.

Concluindo, Cidadelhe poderá garantir estas e outras medidas através da prática do Turismo de

Natureza, pois está inserido num dos parques naturais classificados pelo Instituto de Conservação da Natureza e da Floresta (ICNF) de acordo com a Carta de Turismo Sustentável (EUROPARC, 2009). Se não forem implementadas medidas de revitalização, no final da presente década, tornar-se-á mais uma aldeia abandonada, tal como tantas outras que existem na região, deixando o seu património em risco de degradação (figura 6).

Referências Bibliográficas

- Abreu, A. C., (2007). *Paisagem enquanto Património. Património e Ambiente, Revista Pedra & Cal, nº 34. Lisboa*
- Augé, M., (1992). *Não Lugares - Introdução a uma antropologia da Sobremodernidade. 90ª Editora, Lda., 2005. Lisboa. 100pp.*
- Carta de Ocupação do Solo (COS'90, 1990 e COS'07, 2007), Instituto Geográfico Português, Lisboa*
- Comissão Europeia (1996). *Cidades Europeias Sustentáveis. Direcção- Geral XI, Ambiente, Segurança Nuclear e Protecção Civil. Bruxelas. 294 pp.*
- Federação dos Parques Naturais (EUROPARC) (1999). *A Carta Europeia de Turismo Sustentável em Áreas Protegidas, 2007. França. 24 pp.*
- Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF) (1998). "Programa Nacional de Turismo de Natureza", Resolução de Conselho de Ministros nº 112/98, de 25 de Agosto. Lisboa - Disponível em: http://www.icnf.pt/NR/rdonlyres/DDB3C45E-BCBC-4015-8643-DA7648D9707E/0/RCM_112_1998.pdf
- Jellicoe, G. & S., (1995). *The Landscape of Man, shaping the environment from prehistory to the present day. Thames & Hudson. Londres. 408 pp.*
- Kunstler, J., (2006). *O Fim do Petróleo – o grande desafio do séc. XXI. Editorial Bizâncio. Lisboa. 348 pp.*
- Lei de Bases do Ordenamento do Território e do Urbanismo. Lei n.º 48/98*
- D.R. I Série-A nº 184 (11-8-1998) - Disponível em: <http://dre.pt/pdf1sdip/1998/08/184A00/38693875.pdf>.
- Magalhães, M., (2001). *A Arquitectura Paisagista - morfologia e complexidade. Editorial Estampa, Lda., Lisboa. 525 pp.*
- Magalhães, M. (2007). *Paisagem – Perspectiva da Arquitectura Paisagista. in Philosophica 29: Estéticas da Natureza. Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa, Departamento de Filosofia, Lisboa. p. 103 - 113*
- Magalhães, M., Abreu, M., Lousã, M., Cortez, N., (2007). *Estrutura Ecológica da Paisagem: Conceitos e Delimitações – escalas regional e municipal. ISAPress, Lisboa. 361 pp. Lisboa*
- Recenseamento Demográfico (CENSOS), Instituto Nacional de Estatística,*
- Censos 1950 – IX Recenseamento Geral de População (Tomo I), 806 pp.*
- Censos 1960 – X Recenseamento Geral de População (Tomo II), 754 pp.*
- Censos 1970 – XI Recenseamento da População, 388 pp.*
- Censos 1981 – XII Recenseamento da População (Guarda), 225 pp.*
- Censos 2001 – XIII Recenseamento da População*
- Censos 2011 – XIV Recenseamento da População*
- Peralta, E., (2008). *A Memória do Mar - Património, Tradição e (Re)imaginação Identitária na Contemporaneidade. Instituto Superior Ciências Sociais e Políticas, Lisboa. 443 pp.*
- Schulz, C., (1979). *Genius Loci, Paesaggio Ambiente Architettura. Electa. Milão. 215 pp.*
- Telles, G., (2002). *Sobre Paisagem. Revista AP nº 3-Associação Portuguesa de Arquitectos Paisagistas. Lisboa. p. 9*
- Unesco, (1972). *Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural, Conferência Geral da Unesco, Paris. 209 pp. Disponível em: <http://whc.unesco.org/uploads/activities/documents/activity-562-1.pdf>*
- UNESCO, 1998. *Convenção para a Protecção do Património Cultural e Natural, Relatório da 22ª Sessão do VIII Comité de Património Mundial - Id. Nº 866, Kyoto. 131 pp. Disponível em: <http://whc.unesco.org/archive/1998/whc-98-conf203-18e.pdf>*

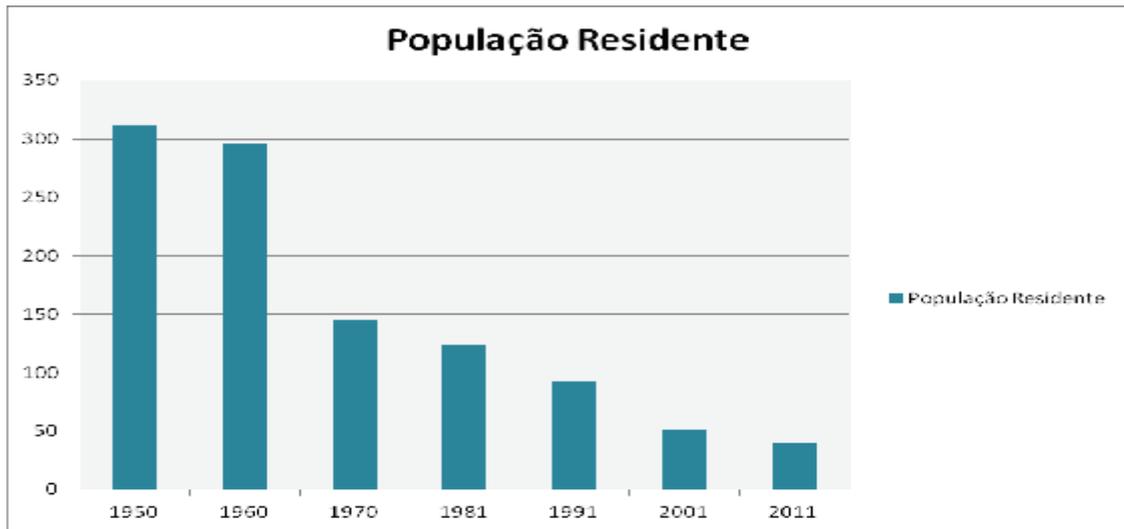


Figura 1. Gráfico da evolução demográfica de Cidadelhe desde 1950 (INE)

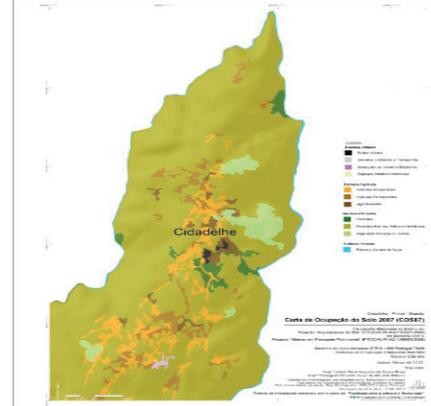
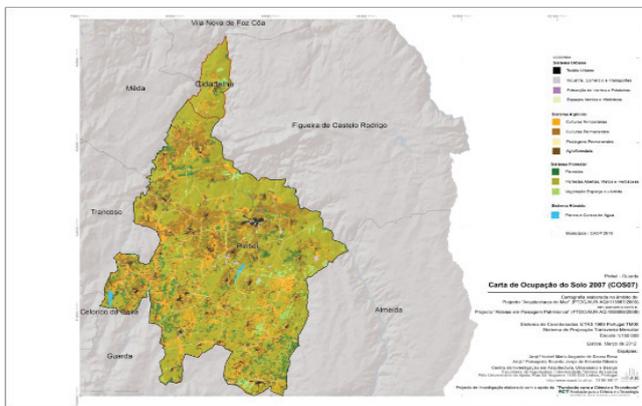
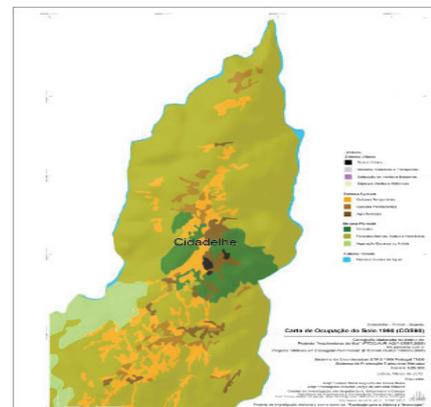
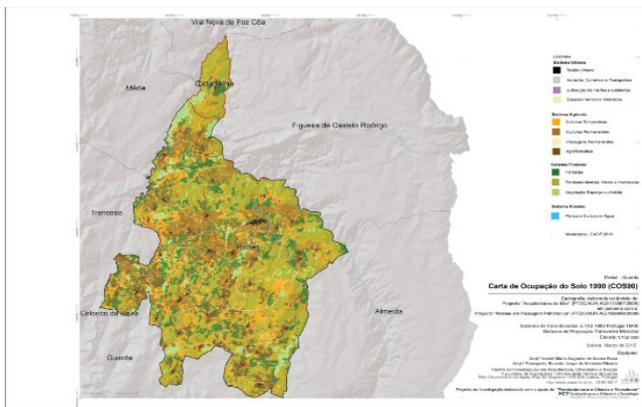


Figura 2 e 3. Adaptação da Carta de Ocupação do Solo de 1990 e 2007 - Pinhel

Figura 4 e 5. Adaptação da Carta de Ocupação do Solo de 1990 e 2007 - Cidadelhe



Figura 6. Fotografia panorâmica da Rua do Bonfim Nascente em Cidadelhe